



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO

LINGUISTIC VARIATION IN THE TEXTBOOK

Silvania Aparecida Alvarenga Nascimento¹ (UFCAT/FAPEG)

Sheila de Carvalho Pereira Gonçalves² (UFCAT)

Resumo:

A variação linguística é um importante fenômeno que ocorre na língua. Partindo do pressuposto de que o livro é um recurso didático-metodológico significativo para o ensino-aprendizagem da língua materna, temos como objetivo identificar e analisar as atividades do livro didático de Língua Portuguesa que abordam a variação linguística. Nosso *corpus* está centrado na obra “Se liga na língua”, 6º ano, de Ormundo e Siniscalchi (2018), destinado ao ensino fundamental nos anos finais. Este trabalho é embasado na pesquisa bibliográfica e possui uma abordagem qualitativa, observando o tratamento dado à variação linguística no livro didático. A pesquisa está fundamentada teoricamente em Antunes (2007, 2012); Bagno (1999, 2002, 2006, 2007, 2013); Bortoni-Ricardo (2005, 2014); Neves (2014); Scherre (2005) e Soares (2000). Como resultado, observamos que os autores do livro didático se preocuparam em abordar a temática por meio dos diferentes tipos de variação linguística causados por fatores sociais, culturais, históricos, dentre outros, proporcionando ao aluno o (re)conhecimento da heterogeneidade da sua língua materna.

Palavras-chave: Variação Linguística. Livros Didáticos. Ensino de Língua Portuguesa.

Abstract:

Linguistic variation is an important phenomenon that occurs in language. Based on the assumption that the textbook is a significant didactic-methodological resource for the teaching-learning of the mother tongue, we aim to identify and analyze the activities of the Portuguese language textbook that address linguistic variation. Our corpus is centered on the work "Se liga na língua", 6th grade, by Ormundo and Siniscalchi (2018), intended for primary education in the final years. This work is based on bibliographic research and has a qualitative approach, observing the treatment given to linguistic variation in the textbook. The research is theoretically based on Antunes (2007, 2012); Bagno (1999, 2002, 2006, 2007, 2013); Bortoni-Ricardo (2005, 2014); Neves (2014); Scherre (2005) and Soares (2000). As a result, we observed that the textbook authors were concerned about addressing the theme through the different types of linguistic variation caused by social, cultural, historical factors, among others, providing the student with the (re)knowledge of the heterogeneity of his mother tongue.

Key words: Linguistic Variation. Textbooks. Portuguese Language Teaching.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Catalão. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás. E-mail: aparesilvania5@hotmail.com.

² Doutora em Análise Linguística pela Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professora adjunta da Universidade Federal de Catalão e no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. E-mail: sheilacpgoncalves@outlook.com.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Introdução

A variação linguística é um fenômeno típico dos usuários da língua, pois cada falante possui diferente comportamento linguístico caracterizado por fatores intralinguísticos e extralinguísticos como a idade, sexo, profissão, escolaridade, lugar de origem, etc. Diante disso, a escola é orientada, pelos documentos oficiais, a ensinar que os recursos linguísticos selecionados para estabelecer a comunicação devem ser adequados a situação e ao contexto. Essa proposta vem sendo abordada nos livros didáticos aprovados pelo Plano Nacional do Livro Didático, doravante, PNLD.

A importância de incluir a variação como conteúdo nas obras decorre do fato de a língua ser múltipla, instável e inovadora. Além disso, pelo perfil sociocultural dos alunos com demandas linguísticas que ultrapassam o ensino consolidado apenas em regras gramaticais, pautado em uma cultura de língua homogênea, pura e cristalina de uso exclusivo da norma padrão. Para Bortoni-Ricardo (2005, p. 197):

Os alunos devem sentir-se livres para falar em sala de aula e, independentemente do código usado – a variedade-padrão ou variedades não-padrão –, qualquer aluno que tome o piso em sala de aula deve ser ratificado como um participante legítimo da interação.

Cabe à escola respeitar os conhecimentos linguísticos prévios do aluno e ampliar o seu repertório com novos saberes linguísticos, nas modalidades oral e escrita, conscientizando-o sobre a concepção de língua, suas múltiplas possibilidades de uso e o valor social negativo e/ou positivo que cada escolha linguística produz. Mediante a isso, nosso objetivo é refletir sobre o tratamento dado à variação linguística no livro didático “Se liga na língua: literatura, produção de texto e linguagem” de Ormundo e Siniscalchi, publicado em 2018, destinado ao 6º ano do ensino fundamental, anos finais, buscando identificar e analisar como a variação linguística é abordada na obra.

A pesquisa está fundamentada em autores como Antunes (2007, 2012); Bagno (1999, 2002, 2006, 2007, 2013); Bortoni-Ricardo (2005, 2014); Neves (2014); Scherre (2005) e Soares (2000) que possuem estudos com ênfase no ensino e variação, alicerçados na educação linguística caracterizada por um “[...] conjunto de fatores socioculturais que, durante toda a existência de um



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

indivíduo, lhe possibilitam adquirir, desenvolver e ampliar o conhecimento de/sobre sua língua materna [...]” (BAGNO; RANGEL, 2005, p. 63).

A metodologia é qualitativa de natureza interpretativa embasada na pesquisa bibliográfica a partir de livros e artigos científicos que tratam da variação linguística tendo o ensino da língua materna na escola e nos livros didáticos como foco.

Fundamentação teórica

Na escola o livro didático é a primeira e, por vezes, a única ferramenta pedagógica e metodológica acessível para assessorar os professores no processo de ensino e aprendizagem. Os livros são importantes por compreenderem os conteúdos anuais organizados e sistematizados. Esses livros passam pela seleção e avaliação de órgãos governamentais responsáveis pelo sistema educacional do país para averiguar quais estão adequadas às exigências do governo.

Após esse processo os livros são escolhidos pelos professores e distribuídos gratuitamente para as instituições escolares. Assim, é responsabilidade do PNLD averiguar quais as coleções de livros didáticos estão condizentes com as exigências da Base Nacional Comum Curricular, doravante, BNCC. Dentre os diversos conhecimentos estipulados pela Base, o ensino da variação linguística é considerado basilar por combater o preconceito linguístico e possibilitar o conhecimento da diversidade linguística.

Entretanto, os livros didáticos se empenham em privilegiar o ensino tradicional, fundamentado na gramática normativa, conforme aponta Antunes (2012, p. 20)

“[...] tomando como referência os livros didáticos [...], ao ensino da gramática é que é dado o maior espaço, materializado no número de páginas em que se descrevem ou se prescrevem os itens e as normas de gramática [...]”, logo para a variação linguística é destinado apenas poucas páginas em uma única seção do livro.

A cultura do ensino de português fundamentada em regras normativas surgiu com a imposição do marquês de Pombal no século XVIII determinando o ensino da Língua Portuguesa como a única no território brasileiro, essa soberania linguística permanece até a atualidade, conforme garante Bortoni-Ricardo (2014, p. 159), “no Brasil, a gramática herdada de Portugal e



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

descrita nos compêndios escolares é socialmente muito valorizada e está arraigada na mente dos brasileiros, condicionando suas interpretações”.

Sendo assim, a escola reproduz essa ideologia de legitimar apenas a norma-padrão, Bagno discute que é preciso uma renovação, um equilíbrio entre o ensino artificial da língua (norma-padrão) e o seu uso real (variação linguística), pois “o ensino da língua na escola deveria propiciar condições para o desenvolvimento pleno de uma *educação linguística*” (2002, p. 17, grifos do autor). A proposta do sociolinguísta é de democratizar o ensino da língua materna modificando essa metodologia reducionista embasada apenas em regras gramaticais descontextualizadas para reconhecer que a língua passa por transformações e interferências de fatores socioculturais e históricos.

Bagno (2009, p. 34) afirma que o ensino da variação é imprescindível no ambiente escolar, porém o autor não descarta a aprendizagem da norma-padrão por considerá-la “[...] um patrimônio dos povos que falam o português, e todos esses falantes têm o direito de aprendê-la, por mais distante que ela esteja dos usos reais contemporâneos”, pois por ser prestigiada e possuir valor simbólico, estabelecido por convenções, o conhecimento e domínio do padrão é, às vezes, garantia de ascensão e reconhecimento em alguns setores, como o empregatício. Bortoni-Ricardo (2005, p. 15) compreende que a “[...] distribuição justa de bens culturais, entre os quais a língua é o mais importante” é a direção para a democracia e o respeito.

Para Scherre (2005, p. 93) esse ensino metalinguístico fundamentado na norma e exigido no meio social não é parte integrante da língua, pois “língua materna se adquire; não se aprende e nem se ensina”. Em consenso com a autora, Bagno (2013, p. 61) adverte sobre o equívoco em associar o padrão à variação, já que “a norma-padrão não faz parte do *continuum* de variedades linguísticas reais, efetivamente faladas em uma comunidade. [...] ninguém no Brasil efetivamente fala a norma-padrão, não existem “falantes do padrão”, embora os livros didáticos insistam em dizer que sim”. A escola e a sociedade, também idealizam a norma como um modelo de língua pronta, uniformizada, canônica e imutável, enquanto a variação tem seus padrões linguísticos julgados como errados, ou seja, se torna irrelevante o trabalho com a língua em sala de aula de “[...] estrutura social que determina o comportamento linguístico” (SOARES, 2000, p. 23).



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Nessa perspectiva, Bagno (1999, p. 15) esclarece que:

A escola geralmente não reconhece a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, impondo assim, sua linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de grau de escolarização.

Desse modo, as instituições educacionais procuram incorporar ao aluno apenas o ensino tradicional da língua, contudo essa prática não é garantia ou requisito para um bom desempenho nas habilidades de leitura, oralidade e escrita, assim como a exclusão das regras gramaticais também não promovem a competência linguística (ANTUNES, 2007). Portanto, quanto maior for o número de manifestações linguísticas trabalhadas em sala de aula melhor o aperfeiçoamento comunicativo e desenvoltura linguística do aluno.

É relevante mediar as práticas do ensino normativo ao da variação para que o aluno possa aprender a transitar entre os novos saberes linguísticos apresentados na escola aos que são responsáveis por formar sua identidade e cultura. Neves (2014, p. 79) garante que “qualquer falante nativo de uma língua é competente para produzir e entender enunciados dessa língua, num amadurecimento natural”, pois todo falante já domina a sua língua materna “[...] a partir da capacidade pessoal, que inclui tanto o conhecimento tácito de um código comum, como a habilidade de usá-lo [...]” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 62).

O empenho dos sociolinguístas em defender o ensino da variação no âmbito escolar é devido ao preconceito e dificuldade de aprendizagem enfrentado pelos usuários das variedades populares. Ademais, os PCN (1998) apontam que:

Para cumprir bem a função de ensinar a escrita e a língua-padrão, a escola precisa livrar-se de vários mitos: de que existe uma forma correta de falar, o de que a fala de uma região é melhor do que a de outras, o de que a fala correta é a que se aproxima da língua escrita, o de que o brasileiro fala mal o português, o de que o português é uma língua difícil, o de que é preciso consertar a fala do aluno para evitar que ele escreva errado (BRASIL, 1998, p. 31).



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Bagno (2006) garante que o português não padrão possui regras assim como a norma-padrão, logo, não existe motivo para não ser trabalhado na escola. Uma das tarefas do ensino da Língua Portuguesa seria aliar os estudos da gramática normativa aos valores sociolinguísticos dos alunos sem fazer distinção. Nesse sentido, são 3 os princípios defendidos por Bagno (2002, p. 18):

- i. o desenvolvimento ininterrupto das habilidades de ler, escrever, falar e escutar;
- ii. o conhecimento e reconhecimento da realidade intrinsecamente múltipla, variável e heterogênea da língua, realidade sujeita aos influxos das ideologias e dos juízos de valor;
- iii. a constituição de um conhecimento sistemático sobre a língua, tomada como objeto de análise, reflexão e investigação.

O autor propõe uma reelaboração no ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa a partir de práticas educativas que propiciem condições para o exercício reflexivo e crítico da língua por meio da reeducação sociolinguística.

A reeducação sociolinguística é uma proposta de pedagogia da variação linguística que leva em conta as conquistas das ciências da linguagem mas também, as dinâmicas sociais e culturais em que a língua está envolvida. Não é possível desprezar em nome da ciência “pura”, as necessidades e os desejos (legítimos) dos falantes da língua. Mas também não é possível, em nome dessas necessidades e desejos, deixar as coisas como estão, dominados por uma ideologia linguística autoritária e excludente (BAGNO, 2013, p. 86, grifos do autor):

Desse modo, para uma escola transformadora é necessário o reconhecimento das duas modalidades da língua que possuem dois códigos distintos, norma-padrão e variação linguística, ou seja, conciliar o saber linguístico adquirido ao processo de construção de conhecimento na promoção do desenvolvimento pleno do aluno.

Metodologia/Análise dos resultados

A escolha de analisar o livro didático se justifica, primeiramente, ser um dos recursos pedagógicos utilizado pelo professor para transmitir conhecimento. Além disso, pela necessidade de se averiguar como a variação linguística é tratada nos livros a partir de 2018, após a implementação



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

da BNCC, pois os livros precisaram passar por reformulações em seus conteúdos para se adequarem às determinações da Base.

Nosso estudo parte de uma abordagem qualitativa, buscando analisar e interpretar o tratamento dado à variação linguística no livro didático por meio da pesquisa bibliográfica, fundamentada no campo da variação linguística e ensino. Esse tipo de pesquisa "explica um problema a partir de referenciais teóricos publicados em documentos" (CERVO; BERVIAN, 1983, p. 55).

O *corpus* selecionado é o livro do 6º ano do ensino fundamental II, intitulado "Se liga na língua: literatura, produção de texto e linguagem" de Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi, publicado em 2018. O livro didático possui 8 capítulos, o capítulo 2 intitulado "Verbete: palavra que explica a palavra", seção "Mais língua", tópicos "A língua varia" e "preconceito linguístico" são destinados à variação linguística. Dessa maneira, os autores iniciam a seção com uma introdução sobre as variedades linguísticas esclarecendo que podem ocorrer entre países que falam a mesma língua como Brasil, Portugal e alguns países da África, os autores, ainda, acrescentam que mesmo no Brasil temos variedades linguísticas decorrentes de diversos fatores.

Utilizando o gênero textual quadrinho, a obra busca contextualizar as variedades linguísticas a partir de várias situações comunicacionais que exigem do personagem principal uma desenvoltura linguística para se adequar as situações formais e informais do cotidiano que envolvem diferentes formas de uso da língua na modalidade falada e escrita como, por exemplo, falar ao celular com a mãe, enviar documentos por e-mail, realizar uma prova escrita, etc.

Além disso, os autores apresentam boxes com conceituações sobre variação linguística, variedades urbanas de prestígio e norma-padrão. A obra, também aborda por meio do cartum de Roberto Kroll a adequação linguística. O cartum apresenta dois surfistas em uma praia, um dos surfistas está vestido de bermuda, roupa adequada para a prática do surfe, enquanto o outro usa terno e gravata e emprega uma linguagem formal, inapropriada para a situação, pois os surfistas usam roupas despojadas e linguagem informal. O objetivo dos autores é mostrar ao aluno que assim como determinado local requer um tipo específico de roupa, assim ocorre com a língua que precisa se adequar as situações comunicacionais.

ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
Programa de Pós-Graduação em Letras, Literatura e Interculturalidade

Cláudia Corralina
Universidade Estadual de Goiás

08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Desse modo, Ormundo e Siniscalchi se preocuparam em preparar o aluno, inicialmente, com conceitos contextualizados para em seguida introduzirem as atividades na seção “a língua varia - na prática”, iniciada a partir de um anúncio de creme dental de 1940.

Figura 1: Anúncio - Creme dental - Kolynos



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 66)

O objetivo da atividade é demonstrar as mudanças que ocorrem na língua com o passar do tempo, por palavras que, atualmente, estão em desuso e/ou passaram por modificações na escrita, como dentifrício, econômico e centímetro. Bagno (2007) ressalta a importância de se abordar a variação diacrônica para se verificar como a língua muda ao longo da história com processos de renovação linguística a partir de novas estruturas que vão sendo incorporadas e o apagamento de outros vocábulos. Em seguida, a variação é abordada por meio da cena da animação “Tá dando onda”.

Figura 2: Cena da animação - Tá dando onda



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Universidade Estadual de Goiás
Cláudia Corrêa

08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

.....
João Frango: Te pegamos, te pegamos. Tu é mais pesado que boi na ladeira, hein? U-hu! Nada como trabalho em equipe. Prazer! João Frango, brou!

Cadu: Valeu, João.

[...]

Cadu: Meu nome é Cadu Maverick, do Frio de Janeiro. E tu?

João Frango: Não. Não sou do Frio de Janeiro, não.

Cadu: Ah... Tu é de onde?

João Frango: Eu sou do Pantanal Mato-grossense, lá do Brasil. É lá que eu surfo. Eu era o único que surfava na região, e as pessoas me achavam meio doido, mas eu me acostumei.

Cadu: Eu sei como é isso, cara.

João Frango: Sabe?

Cadu: Sei.

João Frango: Irado!

(João Frango é arremessado ao alto por uma onda)

João Frango: U-hu-hu! Mó visual, maninho!

[...]



Cena da animação *Tá dando onda*, direção de Chris Buck e Ash Brannon, EUA, 2007.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Tá dando onda. Direção: Chris Buck e Ash Brannon. Columbia Pictures, Sony Pictures Animation. EUA, 2007. DVD (85 min).

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 67)

A proposta dessa atividade é abordar a variação diastrática. Os autores utilizaram a fala dos surfistas, grupo social que tem como característica o uso de várias gírias, para trabalhar a variação. Para os PCNs esse tipo de linguagem é reflexo de “[...] um conjunto de valores que atuam como forma de identidade, tanto no que diz respeito ao lugar que ocupam na sociedade [...] quanto no que se refere a sua inclusão no interior de grupos específicos de convivência” (BRASIL, 1998, p. 46).

O próximo exercício aborda a variação a partir da música “Broto legal” de 1976, versão de



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Renato Corte Real.

Figura 3: Música - Broto legal

Broto legal

Ô que broto legal
 Garota fenomenal
 Fez um sucesso total
 E abafou no festival
 Eu logo que entrei
 O broto focalizei
 Ela olhou eu pisquei
 E pra dançar logo tirei
 O broto então se revelou
 Mostrou ser maioral
 A turma toda até parou
 E no *rock and roll* nós dois
 demos um *show*

Puxei o broto pra cá
 Virei o broto pra lá
 A turma toda gritou
Rock and roll
 E o *rock* continuou
 [repete a letra toda até aqui]
 E o *rock* terminou
 E o *rock* terminou

H. EARNHART; VERSÃO: RENATO CORTE REAL.
 Broto legal (I'm in love). Intérprete: SERGIO MURILO. *Broto legal*.
 São Paulo: Editora Importadora Musical Fermata Brasil,
 1976. 1 LP vinil, compacto, 45 rpm.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 68)

Os autores utilizam a variação diacrônica, ou seja, a variação histórica. A atividade aborda a palavra **broto** que na música é uma gíria utilizada pelos jovens daquele período, que significa uma mulher bonita, porém, atualmente essa gíria não é mais referência para os jovens. A palavra **broto**, hoje em dia, é usada apenas como estágio inicial de uma planta. A atividade permite ao aluno observar o percurso histórico da língua constatando que as relações linguísticas que identificam uma geração podem não ser as mesmas das gerações seguintes. Nesse sentido, Bortoni-Ricardo (2005, p. 176) afirma que:

08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

O comportamento linguístico está permanentemente submetido a múltiplas e co-ocorrentes fontes de influência relacionadas aos diferentes aspectos da identidade social, tais como sexo, idade, antecedente regional, inserção no sistema de produção e pertencimento a grupo étnico, ocupacional, religioso, de vizinhança etc. Quando falamos, movemo-nos num espaço sociolinguístico multidimensional e usamos os recursos da variação linguística para expressar esta ampla e complexa gama de identidades distintas.

Dando continuidade as análises, a atividade seguinte é iniciada pelo cartum do gaúcho Tacho

Figura 4: Cartum - Polo Norte 2100



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 69)

O exercício aborda a variação regional, que se configura pelas formas características que o falante de um determinado local utiliza a língua. Na atividade os autores afirmam que a expressão **Oxente** é utilizada na região Nordeste, todavia, devido à migração, à mídia, redes sociais entre outros fatores, expressões como essa e outras tantas, deixaram de ser um traço regional restrito e passaram a ser um patrimônio nacional sendo utilizada em diversos estados do país. Nessa perspectiva, Mothes e Rosa (2009, p. 95) compreendem que:

a [...] variação linguística está diretamente relacionada aos espaços interacionais

ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

em que se constroem as identidades sociais destes sujeitos. Assim, essa categoria é construída a partir de práticas sociais e contribui para enriquecer essa diversidade, uma vez que se apresenta com certa relevância e significativo poder de interferência na comunidade de fala dos indivíduos.

A próxima atividade é uma tirinha de Diogo Salles intitulada rapaz de barbicha.

Figura 5: Tirinha - Rapaz de barbicha



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 70)

Os autores procuraram trabalhar a variação regional a partir do léxico dos cariocas que é marcado pela substituição do “s” pelo “x”, quando o “s” não é seguido por vogal. Além do uso das gírias e costumes, como os hábitos alimentares dos personagens. O objetivo é mostrar que cada região possui um conjunto de hábitos que a difere das outras. Bortoni-Ricardo, ao discorrer a respeito da variedade regional assegura que existe uma série de peculiaridades que confere identidade ao falante “ser nordestino, ser mineiro, ser carioca etc., é motivo de orgulho para quem o é, e a forma de alimentar esse orgulho é usar o linguajar de sua região e praticar seus hábitos culturais” (2009, p. 33).

Além disso, Callou e Leite (2003, p. 07) acrescentam que a “fala tem um caráter emblemático, que indica se o falante é brasileiro ou português, francês ou italiano, alemão ou holandês, americano ou inglês, e, mais ainda, sendo brasileiro, se é nordestino, sulista ou carioca”.

A última questão sobre variação foi retirada de um *site* de notícias.

ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br





08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Figura 6: Notícia

Plantel do Benfica agradece aos adeptos

O apoio no final da partida com o Zenit, apesar da derrota, deixou o grupo de trabalho encarnado emocionado

Os adeptos encarnados perdoaram a derrota com o Zenit e nos últimos minutos da partida de abertura da Liga dos Campeões não pararam de aplaudir a equipa, gritando “Benfica, Benfica”. Luís Filipe Vieira e Jorge Jesus já fizeram questão de agradecer pelo apoio, acreditando que servirá de incentivo para melhores resultados no futuro, sendo agora a vez de o plantel, liderado por Luisão, mostrar também a sua gratidão pela atitude dos fãs no final da recepção ao Zenit, através de um vídeo publicado no *facebook* oficial do Benfica.

Disponível em: <<https://www.ojogo.pt/futebol/1a-liga/benfica/noticias/interior/plantel-do-benfica-agradece-aos-adeptos-4134562.html?id=4134562>>. Acesso em: 23 abr. 2018.



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 70)

O exercício trata da variação linguística entre Brasil e Portugal. Ormundo e Siniscalchi selecionaram as palavras **plantel** e **adeptos**, apresentadas no texto, para demonstrar que no Brasil esses termos não são utilizados no futebol. Além dessas palavras citadas existem outras como *camisola* e *bota de futebol*, expressas na imagem, são outros exemplos de divergência entre a língua dos dois países. Bagno (2013) orienta que esse tipo de exercício que aborda as diferenças linguísticas apenas por palavras soltas, não contribui, efetivamente, com o reconhecimento das diferenças estruturais da língua. Segundo o autor os livros devem trabalhar a morfossintaxe para os alunos compreenderem as reais diferenças entre a língua utilizada em Portugal e no Brasil.

Diante desses apontamentos, averiguamos que o livro didático abordou na seção destinada à temática diversos tipos de variação como a diatópica, diastrática e diacrônica, porém não abordaram a variação diafásica e a morfossintática na obra. Ademais os autores procuraram trabalhar o conteúdo, conforme determinado pela BNCC por diferentes gêneros textuais envolvendo e interagindo com o público alvo que é o aluno.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Considerações finais

Como resultado observamos que os autores do livro didático se preocuparam em tratar o assunto de forma contextualizada, dinâmica, lúdica e divertida proporcionando ao aluno o (re)conhecimento da heterogeneidade da língua provocada por fatores sociais, culturais, históricos, regionais, lexicais e fonético-fonológico. No entanto, como a variação linguística é um importante fenômeno que ocorre na língua, pois não existe língua sem variação, entendemos que o conteúdo poderia ser trabalhado ao longo de todo livro didático não ficando estagnado em uma única seção.

Referências

ANTUNES, I. **Muito além da gramática**: por um ensino sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ANTUNES, I. **Território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: O que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.

BAGNO, M.; STUBBS, M.; GAGNÉ, G. **Língua materna**: Letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

BAGNO, M; RANGEL, E. Tarefas da educação lingüística no Brasil. **Revista brasileira de linguística aplicada**, v. 5, p. 63-82, 2005.

BAGNO, M. **A Língua de Eulália**: novela sociolinguística. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação lingüística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007

BAGNO, M. **Sete erros aos quatro ventos**: a variação no ensino de português. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Sociolinguística em sala de aula**. 6. ed. São Paulo: Parábola, 2009.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

- BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa -terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEF, 2017.
- CALLOU, D; LEITE, Y. **Como falam os brasileiros**. 2. ed. São Paulo: Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- CERVO, A. L; BERVIAN. P. A. **Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.
- MOTHES, L; ROSA, N. B. K da. Um olhar sobre a linguagem de adolescentes de classe socioeconômica privilegiada. **Cadernos de Aplicação**. Porto Alegre. Vol. 22, n.1 (jan./jun.2009), p. 93-111. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/25485>. Acesso em: 23/01/2022.
- NEVES, M. H. de M. **Que gramática estudar na escola? norma e uso na língua portuguesa**. 4. ed., 2. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.
- ORMUNDO, W.; SINISCALCHI, C. **Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem**. São Paulo: Moderna, 2018.
- SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- SOARES, M. **Linguagem e Escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Editora Ática, 2000.